OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18. n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$ 00	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 185

11 DE FEVEREIRO 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

EMILIA DAS NEVES, FALLECIDA EM 19 DE DEZEMBRO DE 1883 (Segundo uma photographia de Solas)

120

CHRONICA OCCIDENTAL

Morreu em Dresde a sr.ª infanta de Portugal, D. Maria Anna, filha de el-rei D. Fernando e da fallecida rainha D. Maria II, e irmã de el-rei o sr. D. Luiz I.

Está, por tanto, de lucto rigoroso, a familia real portugueza, fere-a pungente dôr, e n'estes momentos de amargura e de lagrimas, o sentimento e a sympathia de todos os portuguezes, estão ao lado dos seus reis, como nos seus momentos angustiosos, o povo encontra sempre a suavisar-lhe o soffrimento, a bonhomia e a caridade regia.

São felizes os povos, em quem se dão estas relações de affecto e de sympathia entre governantes e governados, são felizes os reis, que encontram nos momentos dolorosos das suas angustias de homem, a estima do povo a partilhar das suas dôres, como se tratasse de uma grande familia amiga e unida.

E tanto é assim, que sem decretar luctos nacionaes, sem impôr, como rei, a tristeza official ao seu paiz, el-rei D. Luiz, viu expontaneamente todos os theatros de Lisboa fecharem as suas portas, quando se soube a lugubre noticia que o cobria de lucto, viu correrem á sua casa a manifestarem-lhe o seu pezame, muitos d'aquelles que nunca entraram no paço, nunca frequentaram os seus bailes, nem as suas salas nos dias de gala e nos momentos de festa.

E n'essas manifestações de sentimento não ha apenas um acto de delicadeza para com o chefe do estado, ha mais alguma coisa, ha a tristeza sentida, que causou geralmente a morte da illustre princeza, que todos respeitavam pela tradicção das suas altas virtudes de mãe e de esposa, que muitos se lembravam ainda de ver partir d'aqui, ha vinte e cinco annos, com a gentileza graciosa e a alegria radiante dos dezeseis annos, para não voltar mais á terra que a viu nascer, e que tão nova ainda morreu lá longe, deixando no mundo os filhos que adorava, em quem limitára toda a sua vida e todas as suas ambições, todas as suas alegrias, que a faziam esquecer de que era princeza para só se lembrar de que era mãe.

Triste destino o d'essa formosa creança, que encontrámos ao entrar na vida deslumbrante de alegria, de despreoccupações e de mocidade!

E triste, não porque morreu, mas porque deixou filhos, e porque soube que ia deixal-os!

A infeliz senhora tinha apenas 41 annos. Casada ha 25 annos, com o principe Frederico Augusto de Saxe, teve d'esse enlace seis filhos, o mais velho dos quaes, sabe já chorar a mãe que perdeu, porque tem vinte annos, e o mais novo havia de fazer chorar bem á moribunda, a falta que a sua eterna separação lhe vae fazer, porque tem apenas nove.

Ha algum tempo já, contou-nos, pessoa que viu ha mezes a angusta princeza, a sr.ª infanta D. Maria Anna padecia de uma anemia terrivel, que preoccupava tristemente, quem assistia ao definhamento progressivo que essa doença ia produzindo. Entretanto não foi esse mal que a matou. Os boletins dos medicos caracterisaram a doença mortal de escarlatina, e não faltou, já quem em Portugal attribuisse aos meios therapeuticos, com que os medicos allemães procuraram combater a doença, o seu triste epilogo.

Disse-se que enganando-se ao principio no diagnostico da doença, os clinicos allemães começaram a tratar a illustre doente d'um typho, o que aggravou extraordinariamente o mal.

Não sabemos o que ha de fundamento n'estes *on-dit;* referimo-nos a elles porque já vieram reproduzidos nos jornaes, mas não os justificam decerto a fama gloriosa e os creditos scientificos, que tem em todo o mundo a medicina allemã, a grande patria da sciencia austera.

Em summa o que está tristemente provado, é que a infanta portugueza morreu. O Occidente occupar-se-ha especialmente d'esse lugubre caso, que enluctando a familia real, enlucta todo o paiz, e nós inserimos aqui o nosso voto de profundo sentimento, pela morte da filha d'el-rei D. Fernando.

O lucto inesperado que veiu cobrir a familia real portugueza addiou para mais tarde uma festa brilhantissima que se preparava, e que para ser em tudo brilhante tinha a realçar-lhe todos os encantos d'uma festa excepcional o fim caridoso e humanitario a que se propunha.

Essa festa, era promovida por S. M. El-rei D. Luiz, e o producto d'ella destinado a essa grande instituição benemerita que se deve á iniciativa poderosa d'el-rei — os albergues nocturnos.

Raras instituições tem prosperado tanto no nosso paiz e ao mesmo tempo prestado tão relevantes serviços como a dos albergues nocturnos.

E tão verdade é qualquer das nossas duas affirmações, que dentro em breve Lisboa vae ter mais outro hospicio no genero d'aquelle que no largo do Intendente dá quotidianamente guarida a centenares de desgraçados, para quem a sorte é madrasta.

Os progressos rapidos e collossaes d'essa humanitaria instituição devem-se á protecção disvelada e persistente do seu regio iniciador, e á cooperação intelligente e zelosa d'aquelles que se agruparam em torno do fundador para realisar a sua nobre idéa.

Entre essas boas vontades dedicadas e possantes que mais tem collaborado n'esse fim, avulta a de um homem muito illustrado, muito intelligente, muito trabalhador, a quem mais de uma vez nos temos aqui referido, o dr. Luiz Jardim.

Todas as vezes que se falar nos albergues nocturnos tem que se falar no sr. dr. Jardim, porque a sua actividade enorme, o seu zelo persistente, a sua intelligencia clara e robusta é a principal parcella d'essa somma que se chama progressos collossaes dos albergues nocturnos.

O seu ultimo relatorio é um trabalho brilhante que tanto o illustra como escriptor, como o honra como administrador.

E visto ser dever de todos que prezam os melhoramentos de Lisboa louvar a instituição dos albergues nocturnos, é dever de todos que prezam a justiça juntar aos louvores á instituição, os louvores ao instituidor, a el-rei D. Luiz, e áquelle que mais tem contribuido para o *successo* practico da grande idéa humanitaria do soberano, o dr. Luiz Jardim.

A festa que se preparava para o beneficio dos albergues nocturnos devia ser das mais notaveis de Lisboa. Artistas dos mais illustres de Portugal, e dos mais distinctos dos extrangeiros que se acham entre nós, tomavam parte n'ella. Dois poetas lyricos dos mais estimados, os srs. Thomaz Ribeiro e Fernando Caldeira estavam já trabalhando em duas peças poeticas que n'essa noite deviam ser recitadas pelos actores Brazão e Augusto Rosa, e o notavel poeta humoristico, Eduardo Garrido pensava já n'uma poesia comica para Taborda recitar, poesia em que o grande actor portuguez reproduziria varios typos dos albergados, para o que tinham ido já ambos visitar, repetidas vezes, o albergue nocturno.

O doloroso acontecimento que acaba de ferir a familia real, torna impossivel a realisação immediata d'esta festa de caridade.

Appareceu um unico concorrente á adjudicação do theatro de S. Carlos: foi o sr. Campos Valdez.

Mais tarde, quando já não eram horas de cumprir as formalidades previas do programma appareceu outra proposta que não poude ser acceite, sendo portanto o theatro adjudicado ao sr. Valdez.

A noticia foi bem recebida por todos que se importam alguma coisa com assumptos lyricos, e com rasão, porque a competencia do sr. Valdez, a sua boa vontade e intelligencia dão direito a esperar que a sua gerencia preencha as lacunas do programma do concurso, e que tenhamos o theatro o melhor possivel dentro das circumstancias actuaes

E effectivamente os primeiros actos da sua empresa justificam essas lisongeiras esperanças, visto que sem a isso ser obrigado, o sr. Valdez, continua como emprezario o caminho que começara a seguir como commissario regio do governo, e vae dar-nos brevemente a representação da opera original do sr. Augusto Machado, a *Laurianne*, que no anno passado tantos elogios mereceu á critica franceza, e a opera nova de Massenet *Le Roi de Lahore*.

Estes dois actos, os primeiros da sua gerencia são de molde a inspirar confiança, e se o sr. Valdez continuar assim e se o publico o auxiliar concorrendo a estes espectaculos que são os dignos do primeiro theatro d'um paiz, a exhibição d'uma opera original, já applaudida no extrangeiro, e d'uma opera das mais notaveis que a França ultimamente tem produzido, nós podemos ter umas futuras epocas lyricas brilhantes, e que emendem pelo bom criterio do empresario as faltas do programma.

Assim seja.

Confirmou-se a noticia triste que demos na nossa ultima chronica, a da morte da actriz Esther.

Effectivamente as ultimas noticias vindas do Brasil, dizem que a distincta actriz morrera alli, no dia 15 de janeiro.

Matou-a a tisica, a tisica que já em Lisboa lhe dava ás vezes um brilho extranho aos seus grandes olhos negros, lhe fazia palpitar o sangue nas arterias com essa agitação febril, com essa *pontinha de febre*, que ás vezes parecia o genio, outras vezes a loucura.

Foi uma estroina, e foi uma doente. Ou estroina porque doente, o que é um pouco romantico, mas possivel, ou doente porque estroina, o que é mais trivial, mas igualmente triste.

No seu cerebro de mulher havia o quer que fosse de extranho, de extravagante, de fóra do vulgar.

Um dia porque seu pae se casara, fugiu de Mangualde para a Figueira, para casa da sua avó. Outro dia, porque a sua phantasia caprichosa e doida, a espicaçasse fugiu da Figueira e veiu escripturar-se na Trindade. Outro dia a mesma loucura, a mesma febre de prazeres novos, de novas commoções, de costumes desconhecidos, atirou-a para o Brasil. A tisica atirou-a de lá para a eternidade.

Foi ainda mais louca do que ella, porque apagou em plena luz, um talento dos mais brilhantes e promettedores de Portugal.

E esse talento era tanto, que lhe fazia perdoar todas as suas phantasias *baroques* de *toquée*.

Veio para o theatro sem ser por vocação, sem ser por ambição de gloria ou por necessidade de dinheiro, veiu por *bôlha;* não conheço outra palavra mais litteraria que exprima melhor a idéa. Veiu, e nunca se importou com o theatro para coisa alguma. Nunca tomou a serio um papel, um personagem, um ensaio. Não queria saber de arte para nada: o que queria era applausos. Sabiam-lhe bem as ovações, lisongeavam-n'a, entonteciam-n'a, glorificavam-n'a, mettiam ferro ás collegas, faziam d'ella alguem.

E ia para a scena e vinha de lá coberta de bravos, de palmas, de flores!

Fazia partidas de *toquée*, importava-se tanto com o publico como com os papeis, tinha por ambos o mesmo desdem que tinha no fim de contas por tudo, pela familia, pelo primeiro homem que amou, pelo ultimo vestido que vestiu, por si propria até, que se matava a galope n'uma vida airada para que não tinha forças, nem saude.

E o talento era tanto, que sem se importar com os papeis, os papeis sahiam-lhe brilhantes, como os da *Perichole*, dos *Dragões de Villars*, *Dragões d'El-rei*, *Filha do Inferno;* sem se importar com o publico, o publico morria por ella e fazia-lhe ovações doidas, sem se importar com o amor, o amor revestiu-se para ella d'uma dedicação extravagante, que anniquillou um talento extraordinario, sem se importar com os vestidos, os vestidos corriam para ella como as ondas correm para o mar.

Houve só uma coisa que lhe pagou, desdem com desdem.

Foi a vida!

A Esther não se importava com ella, ella não se importou com a Esther, e deixou-a no principio do caminho!

Pobre Esther!

Gervasio Lobato.

EMILIA DAS NEVES

Bosquejando a historia do theatro da rua dos Condes, n'uma série de artigos publicados n'este periodico, relatámos a evolução por que passou a scena portugueza, quando, sob a influencia de Almeida Garrett, os nossos governantes acreditaram na utilidade de uma escola de arte, e ousaram instituil-a. Contámos tambem que um francez, Emilio Doux, tomara a direcção artistica d'aquella sala de espectaculos e iniciara alguns dos nossos actores nos processos da escola dramatica então predominante no seu paiz. Que não fora esta a parte principal da tarefa, por elle realisada, tambem dissemos: devemos-lhe serviço mais valioso ainda, o de haver desenvolvido, com as suas licções, a aptidão e talento dos discipulos que em volta de si congregou, e que, mercê do intelligente impulso que receberam do mestre, conquistaram rapidamente posição distinctissima.

De entre esta phalange de artistas insignes, cuja passagem assignalou no nosso theatro um periodo de inigualavel brilhantismo, avantajou-se incontestavelmente Emilia das Neves e Souza.

Muito e muito se escreveu ácerca d'esta actriz excepcional. Se admiradores do seu talento lhe teceram panegyricos retumbantes, celebrando-lhe as qualidades de grande artista e votando ao esquecimento os defeitos, que não passariam desapercebidos ao espectador imparcial: tambem houve quem ultrapassasse, em relação a ella, os limites da extrema severidade, e a tornasse alvo de acerbas e injustas accusações.

Hoje, que a paz inquebrantavel do tumulo en-

volve o cadaver da interprete de *Joanna a Doida* e da *Mulher que deita cartas*, calou-se a voz da paixão; e o merecimento da actriz surprehendente, a quem desde 1838 até 1880 competiu o primeiro logar na scena portugueza, apparece-nos em toda a magnitude, sem que possam prejudical-o elogios excessivos, nem vituperios acintosos.

Não cabe nos estreitos limites em que nos temos de circumscrever, o traçar a biographia de Emilia das Neves. Reduzir-nos-hemos a entresachar com os factos mais importantes da vida da actriz, alguns pormenores que ainda não foram contados, não deixando de fazer ácerca da Ristori portugueza a apreciação que, em nossa consciencia, julgamos justa e imparcial.

Emilia das Neves não contava ainda desoito annos, quando começou a receber de Emilio Doux lições de arte de representar.

Como foi que ella se resolveu a seguir a carreira theatral? Segundo a versão adoptada pelo paciente recopilador, que ha annos publicou abundantes informações para a biographia da actriz (1), foi esta movida a semelhante proposito, pelos conselhos de um amigo sincero e dedicado, o sr. Henrique Nunes Cardoso. Ouçamos, porem, o que a tal respeito nos contou um antigo actor.

Emilia das Neves, nos principios de 1838, vivia em circumstancias pouco felizes, na casa de uma pessoa, qne tinha conhecimento com alguns actores da Rua dos Condes. Uma vez o actor Ventura, se nos não enganamos, offereceu bilhetes para uma recita a Emilia e a outras pessoas da casa.

Desde as primeiras scenas do drama que se representava, a futura actriz sentiu-se completamente absorvida e dominada pela obra scenica, e até ao fim do espectaculo conservou-se n'um indizivel arroubamento, vendo e ouvindo sómente o que faziam ou recitavam os actores. Apenas voltou para casa, como que sentindo despertar dentro em si o genio que mais tarde lhe daria tanta gloria, começou de imitar a actriz que vira no theatro representar o papel de protagonista. E simulando a scena tragica com que a peça terminava, e substituindo ás palavras pronunciadas pela artista, outras quasi equivalentes, Emilia fascinou a quantos a escutavam, boquiabertos e admirados. Era a revelação do seu fulgido talento, electrisado pela influencia da primeira obra de arte que aquelle espirito, ainda inculto, lograva admirar.

Quando Ventura lá tornou, contaram-lhe o que se passara á volta do theatro. Cheio de curiosidade, o artista instou com Emilia para que repetisse a imitação; ella, porém, recusou-se envergonhada, e só ao cabo de muitos pedidos, e tendo-se convencido de que os rogos não eram ditados pela zombaria, se resolveu a condescender.

No principio da scena, talvez Ventura, no seu intimo, tivesse vontade de rir-se um pouco da extravagancia; mas o seu espirito de artista anteviu, logo depois, n'aquella formosa rapariga uma verdadeira actriz. E que Emilia possuia todos os dotes physicos que podiam ambicionar-se para a carreira scenica: estatura acima de meã, flexivel e esbelta; olhos grandes, negros e expressivos; voz, um tanto forte, mas melodiosa e susceptivel de percorrer toda a escála da expressão dos affectos. O rosto, bello e sympathico, era capaz de extrema mobilidade.

Ventura via diante de si aquella gentil mulher e sentia-se vencido, arrebatado. Nas phrases truncadas, nas palavras ditas por vezes incorrectamente, havia toda a expressão dramatica, e tão natural, quanto podia sel-o a imitação da declamação emphatica d'aquelle tempo.

Applaudiu sinceramente. Logo que esteve com Doux, referiu-se ao achado precioso que julgava ter deparado. O ensaiador francez mostrou-se incredulo, mas apenas viu Emilia das Neves n'um camarim da Rua dos Condes, o seu tacto artistico levou-o a tomal-a para discipula. Cinco mezes depois representava-se o *Auto de Gil Vicente*, de Garrett.

A parte da princeza Beatriz fôra primeiro distribuida á actriz Trindade, que não satisfizera nos ensaios. Sabedor o dramaturgo da existencia de Emilia das Neves, quiz assistir a uma das suas lições. Viu-a ensaiar a parte de ingenua da comedia *O depositario*, mais tarde levada á scena com exito feliz, e ficou logo convencido de que tinha interprete condigna para o papel da amante de Bernardim Ribeiro. Os applausos enthusiasticos dados pelo publico da Rua dos Condes, em 15 de agosto de 1838, a Emilia das Neves, que se estreiou n'essa noite, em papel tão importante, e os elogios unanimes endereçados pelos jornaes á nova actriz, demonstraram a justeza da previsão

(1) Referimo-nos á obra: EMILIA DAS NEVES, *documentos para a sua biographia*, por um dos seus admiradores. Lisboa. 1875.

Á vista d'aquelle grande triumpho, o emprezario entendeu que não podia dar apenas, á sua artista, o mesquinho ordenado de 8$000 réis, por que a contractára; e ao cabo do primeiro mez de escriptura, entregou-lhe o triplo d'aquella quantia, galardoando assim a vocação, tão brilhantemente revelada por Emilia das Neves.

O segundo papel que esta representou — o da ingenua da comedia em 3 actos de Ancelot *O meu amigo Grandet* — valeu-lhe segunda victoria.

Até aos principios de 1843, esteve Emilia na companhia da Rua dos Condes, e entrou em quasi todas as peças do repertorio, de entre as quaes especialisaremos a comedia em 2 actos, *As proezas de Richelieu*. O gracioso e estouvado duquesinho foi por ella representado com tanto primor, que, espectadores que o tinham visto, em Paris, desempenhado pela Dejazet, applaudiram cheios de admiração e de enthusiasmo, a actriz portugueza.

Todos estes triumphos eram devidos, podemol-o dizer, ao talento desajudado do estudo, pois que Emilia ao entrar no theatro, tinha instrucção limitadissima ou nulla, e nunca chegou, segundo nos affirmam, a adquiril-a solida bastante. «La nature commence un acteur, c'est l'étude qui l'achève» disse Dorat. A natureza dotara a Emilia das Neves, com a mais admiravel prodigalidade. Em qualquer paiz, onde as condições do actor fossem favoraveis, e as escolas de arte funccionassem regularmente e merecessem credito, pelos discipulos que apresentassem; aquella esplendida vocação teria, sem duvida, attingido a extrema perfeição artistica, mediante o estudo aturado e bem dirigido. Não poude, comtudo, Emilia sujeitar-se a este indispensavel noviciado, porque os trabalhos scenicos, altamente fatigantes em consequencia da vida ephemera das peças lhe tomavam quasi todo o tempo. E ainda que o podesse fazer, talvez lhe não sobrasse vontade de seguir o curso do conservatorio de Lisboa, em consequencia da diminuta confiança que por ventura lhe inspirasse aquelle instituto, então principiante. Virá a pello o recordarmos que ainda hoje são pouquissimos os actores portuguezes, que julgaram semelhante curso, preparatorio indispensavel para a cultura da sua arte?

Luctou, portanto, Emilia com a falta do auxilio que o estudo lhe poderia dar, e se na maior parte dos seus trabalhos a intuição fazia verdadeiros milagres, em outros transpareciam incorrecções.

E note-se que não nos referimos apenas áquelle primeiro periodo, de que só podemos falar valendo-nos da alheia auctoridade: estas alternativas notavam-se egualmente quando a actriz attingira a plenitude da gloria. Entendemos que dizendo desassombradamente esta verdade, melhor consagraremos a Emilia o justo preito a que tem jus o seu talento.

Continuemos, porém, seguindo a carreira brilhante da grande actriz. Durante o anno de 1843 esteve ella fóra do theatro, porque a sociedade emprezaria, constituida por differentes artistas da Rua dos Condes, entendeu não poder dar-lhe o ordenado exigido. Nos principios do anno seguinte tornou comtudo a ser escripturada, tendo já então 83$333 réis mensaes. Por este tempo subiu á scena o *Retrato vivo*, peça que foi não ha muitos annos reproduzida no theatro de D. Maria e em que Emilia das Neves se mostrava excellente comediante.

Aberto o theatro de D. Maria, a talentosa actriz, escripturada pela sociedade artistica, desempenhou entre outros dramas a *Marie Joanne*, vertido em vulgar com o titulo de *Adelaide*. N'esta peça abundam as situações altamente dramaticas. De todas tirava Emilia o maximo partido.

Vimos-lhe fazer o papel de *Adelaide* em 1867, e ainda não esquecemos a profunda impressão que nos causou, na scena em que a pobre mulher do povo engeita o filho. Emilia chegava diante da roda com a creancinha nos braços.

No rosto macerado, via-se-lhe a lucta horrivel e interminavel que ella sustentava com a miseria: dentro do peito presentia-se-lhe o coração prestes a estalar de dôr. E ella, arrastava-se até junto da roda, e fazendo um supremo esforço lá depunha o filhinho. Mas, depois da roda lhe ter levado de diante da vista a creancinha, a desgraçada clamava por que lhes restituissem o filho, e vendo que tudo era baldado, cahia para traz desmaiada e saia-lhe do peito, ao mesmo tempo, um grito tão dilacerante, tão humano, que todos que o ouviam sentiam as lagrimas saltar-lhes dos olhos, como se realmente tivessem diante de si o que ha de mais de dramatico e commevedor na vida: uma mãe que acaba de perder o seu filho.

Por differentes vezes deixou Emilia das Neves o theatro de D. Maria. O leitor que tiver curiosidade de conhecer as datas precisas, em que isto succedeu e os motivos que o determinaram, póde consultar o livro já mencionado. Em 1853, as condições de escriptura com que a actriz alli se contractou eram as seguintes: 144$000 réis de ordenado, dois beneficios seguros em 400$000 réis cada um, e 40$000 réis mensaes para vestuario. Apesar do grande merecimento de Emilia, deve confessar-se que, attenta á pequena receita dos nossos theatros, tal encargo era um tanto gravoso. Durante aquellas ausencias, representou Emilia das Neves em varios theatros do Porto, e no de D. Fernando em Lisboa.

Achando-se em 1860 na primeira d'estas cidades desempenhou o papel de Tisbe no *Angelo* de V. Hugo, havendo-o a Ristori, que alli estava com a sua companhia, desempenhado alguns dias mais cedo. A tragica italiana assistiu ao grande exito da sua collega, e foi sempre a primeira a applaudil-a.

No mesmo anno se representou pela primeira vez a *Joanna a Doida*. É difficil dar ideia do que fosse o trabalho de Emilia n'este drama, a quem não poude presencial-o. A actriz portugueza tinha na peça, a par de toda a magestade da rainha, o sentimento profundo e delicado da mulher que ama, e depois o desespero de quem se vê atraiçoado no affecto a que consagrara toda a sua vida. Havia scenas de natureza tal, que nas mãos de uma actriz de mediano talento, poderiam facilmente descambar no ridiculo. Emilia fazia-as de um modo tão superior, que o publico arrebatado, a applaudia constantemente.

Por este tempo já ella tinha representado a *Dama das Camelias*, dando perfeitamente toda a parte dramatica do papel de Margarida Gauthier; e a *Mulher que deita cartas*, um dos seus desempenhos mais completos.

Nos fins de setembro de 1863 Emilia das Neves e uma companhia por ella escripturada, deram com exito brilhante algumas recitas na Corunha e em Vigo. Dissenções, provenientes da má camaradagem de alguns dos actores, compelliram Emilia a regressar ao Porto, separando-se de uma parte da companhia. Por este facto, os adversarios da grande artista prepararam-lhe uma recepção pouco agradavel.

Uma noite, indo ella a entrar em scena no theatro de S. João, rompeu na platéa uma grande pateada e vozearia. Ao mesmo tempo cahiam no palco algumas moedas de cinco réis.

Emilia não succumbiu, e tendo apanhado uma das moedas, disse serenamente: «Para os pobres, é pouco». Esta phrase magnifica, duplamente valiosa, porque alludia aos *pobres* artistas, patrocinados pelos pateantes, produziu um effeito magico, e o publico, vendo que era indevida a manifestação, acclamou com delirio a actriz.

A 29 de maio de 1864, partiu Emilia para o Brazil, e a 3 de janeiro de 1866 regressou a Portugal, depois de haver conquistado no imperio de além do Atlantico as mais enthusiasticas ovações.

Acabava ella de voltar, quando se extinguiu em plena mocidade, Manuela Rey, actriz sublime que passou qual meteoro no ceu da arte, onde Emilia brilhou tantos annos com esplendor inexcedivel.

Não nos é possivel acompanhar passo a passo Emilia das Neves, atravez de glorioso caminho que trilhou.

Declarada, em 1865, actriz de merito revelante, reentrou no anno seguinte no theatro de D. Maria, e alli esteve até 1872. Aos trabalhos que já citámos, e a outros não menos notaveis, taes como os que executou na *Adriana Lecouvreur*, na *Medéa*, e na *Judith*, juntou, durante aquelle periodo, outros novos, de entre os quaes citaremos o desempenho do personagem *Thusnelda* no *Gladiador de Ravena*, e o da peccadora redimida pela maternidade na *Pena de Talião*.

De 1872 a 1877 deu algumas recitas nos theatros do Gymnasio e Principe Real e voltou por fim para o de D. Maria, onde creou ainda varios papeis, e reproduziu muitos dos antigos.

No vasto repertorio de Emilia, entraram, com os dramas violentos da escola romantica e ultra-romantica, muitas obras verdadeiramente modernas. A sua formosura de estatua grega contrafazia-se um tanto ao adaptar-se aos personagens concebidos por Dumas filho e Sardou, mas nem por isso deixava de brilhar o talento da actriz, em muitas scenas, especialmente nas que a paixão animava. Vimol-a tambem representar papeis francamente comicos, com adoravel bom humor.

Nas *Redeas do Governo*, comedia de D. Henrique Zumel traduzida por L. A. Rebello da Silva, tinha sempre Emilia das Neves um exito completo de gargalhada. Era de vêr o modo por que ella sabia utilisar na comedia, modificando-os convenientemente, os gestos, attitudes e inflexões com que brilhava no drama.

Retirou-se definitivamente de scena em 1880, estando já reformada. Dizem-nos (não o presen-

JUDITH — PROEZAS DE RICHELIEU — JOANNA A DOIDA — GLADIADOR DE RAVENA — MARIA STUART

HOMENAGEM A EMILIA DAS NEVES

(Desenho de M. de Macedo)

ciámos) que talvez aquella resolução fosse um pouco tardia, porquanto, se viera uns annos mais cedo, evitaria certos dissabores á maior actriz que tem honrado Portugal, e cujo nome era pronunciado com respeito em muitos paizes extrangeiros. Dumenil, actor francez e director de uma excellente companhia dramatica que esteve no theatro de D. Fernando, perguntou, pouco depois de chegar, pela grande actriz. Conhecia-a de nome havia muito tempo, e ouvira mais de uma vez, em Paris, chamarem-lhe a Rachel portugueza.

Nos tres ultimos annos da sua vida, Emilia, já bastante acabrunhada pela doença de que veiu a fallecer, pouco saía de casa. N'esse lapso de tempo representou ainda uma vez, em 1882, no Porto, desempenhando n'um beneficio de caridade *As proezas de Richelieu*, que tinha creado 40 annos mais cedo. O publico portuense victoriou-a enormemente, vendo-a fazer o papel do duque com o garbo, animação e vivacidade que teria aos 20 annos.

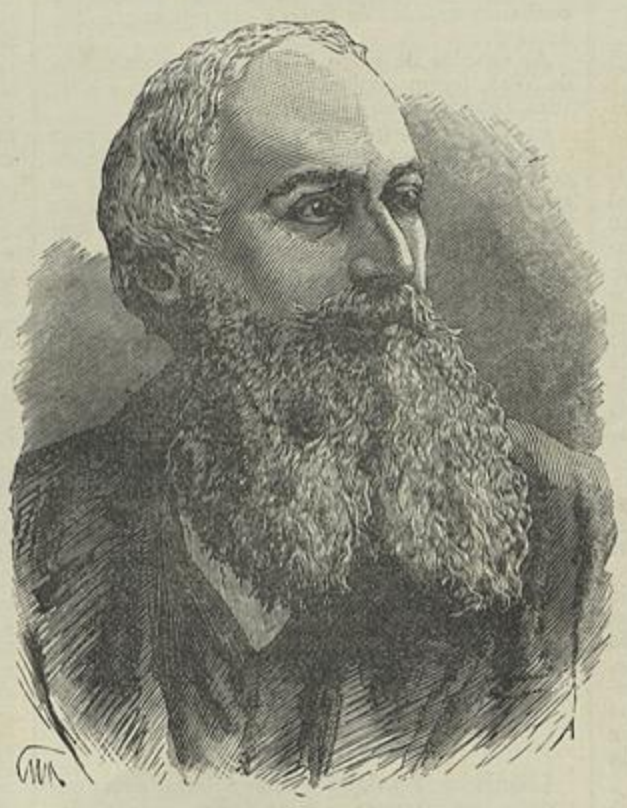
Não trataremos das complicadas polemicas travadas, mais de uma vez, entre Emilia e diversos dos seus emprezarios e collegas. Se foi voluntariosa, tambem ostentou excellentes dotes de coração: sirva de prova o extremoso carinho com que soccorreu os seus collegas Silva Rosa e Vidal. Este talentoso actor e sympathico rapaz, prestes a succumbir a uma tisica pulmonar, escreveu á sua bemfeitora a seguinte carta:

«Quatro de setembro, meia noite e um quarto.

«Estou encostado a dois amigos, acabando de ter uma afflicção mortal... Depois de sacramentado e ungido, não se me tira da idéa a minha santa mãe Emilia das Neves.

«Com um adeus de despedida, com eterna gratidão — *Vidal*»

Emilia foi prodiga, com effeito, em beneficios. Mal o acreditavam certas pessoas a quem não eram desconhecidos o arranjo e economia existentes na casa da actriz, e a extrema cautella que esta usava em todos os negocios.



José Mario, fallecido a 16 de dezembro de 1883

Depois de simular a morte centenas e centenas de vezes ante o publico seu adorador, falleceu Emilia das Neves a 19 de dezembro de 1883, ás sete horas da manhã.

Havia muito, que sentia a morte ir-se-lhe approximando a pouco e pouco, mas fatalmente.

No verão passado, a antiga e célebre actriz Carlota Talassi da Silva, foi visital-a um dia. Soubera da doença que minava a sua velha companheira, e, esquecendo passadas dissenções, quiz abraçar Emilia.

Quando a doente penetrou na sala, com o rosto cavado pela doença, mas ainda illuminado por aquelles olhos negros e brilhantes, Carlota Talassi arrependeu-se de lá ter ido, em tão desgraçado estado a encontrou. Depois de chorarem nos braços uma da outra, aquellas duas antigas rainhas do theatro portuguez, então desthronadas e esquecidas, Emilia agarou com força as mãos de Talassi, e disse-lhe com a voz tremula de pavor:

«E tenho de morrer! Tenho de perder tudo isto, tudo!»

Tambem se não esquecia do seu theatro querido. Contou-me Salvador Marques, que estando ha mezes Emilia das Neves recebendo-lhe visita, falara no modo por que hoje se representa, e criticando a frieza de algumas actrizes, alçou-se no meio da sala, e exclamou com voz vibrante:

— Pois a mãe que perde um filho não dá gritos, não chora, não gesticula doidamente? Limita-se a tapar o rosto com o lenço, e a cahir sentada n'uma cadeira? Que arte vem a ser esta?

E Salvador via resurgir ante si a grande actriz da *Judith*, da *Medea* e da *Doida de Montmayour*.

Envolta n'um fato de velludo preto, com que tinha figurado na *Duqueza de Caminha*, vimos Emilia deitada no seu caixão. Por entre as palpebras mal cerradas, ainda se lhe avistavam as pupillas negras, de que a morte não conseguira embaciar todo o fulgor.

Estava morta a maior actriz portugueza. Tarde virá — permittam-nos a desesperadora prophecia — outra que possa elevar-se ás luminosas paragens, de que Emilia das Neves tantas e tantas vezes nos deslumbrou.

Maximiliano d'Azevedo.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — Ponte sobre o Tamega, no Caminho de Ferro do Douro (Segundo uma photographia de Biel)

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ MARIO

Ainda um dos grandes filhos do anno de 1810, roubado pelo inverno de 1883.

José Mario, marquez de Candia, nasceu em Cagliari na Sardenha. Filho de uma familia notavel recebeu educação principesca. Alistando-se no exercito sardo, ahi serviu como official até aos annos de 1834 ou 1835, em que pediu a sua demissão por motivos ainda não averiguados. Foi estabelecer-se em Paris, e como era dotado de uma bellissima e riquissima voz de tenor, e de grande talento, resolveu-se a cursar o conservatorio de musica, o que fez durante dois annos.

Em 1837 estreiou-se na opera *Roberto do Diabo*, causando enthusiasmo tal, que nunca mais se desmentiu durante a sua longa carreira.

Em breve tornou-se o tenor favorito de Londres e de Paris. Em 1844 desposou Julia Grisi, outra celebridade musical de primeira ordem. A carreira dos dois conjuges foi d'ahi em deante um continuo triumpho.

Pelo fallecimento de Julia Grisi, em 1869, Mario retirou-se da scena. Desde então, coisa singular em similhante organisação, ou por influencia do sentimento que lhe causou a perda da esposa, desde então Mario evitava cuidadosamente a musica; o som de um piano fazia-o fugir! Entregue de corpo e alma ás suas occupações predilectas, a archeologia e astronomia, empregava n'ellas todo o seu tempo.

Sempre formoso e sempre principesco recebia todos que o visitavam com a maior amabilidade.

Habitava n'um vasto aposento sobre o Tibre, pegado ao de outra antiga celebridade o tenor Bettini.

Em tempo, como o prova mesmo a occasião do seu passamento, Mario foi o idolo da aristocracia de Paris e Londres; Lisboa, aonde ha vinte annos esteve para vir, não teve o prazer de o ouvir, por uma questão de dinheiro; com quanto estivesse já então na epoca da declinação, ainda era julgado o *primeiro tenor*, podendo considerar-se o successor de Rubini.

Não obstante ter ganho sommas avultadissimas luctou com difficuldades. Ainda em 1878 foi dado um concerto em Saint James Wall, Londres, em seu beneficio, que rendeu nove contos de réis. Os seus amigos de Roma proveram-n'o em um logar de conservador de um museu de arte.

Mario deixa tres filhos em boa posição: um, Vaughan, seguiu a carreira do theatro em Inglaterra, e a este deixou Mario a sua collecção de manuscriptos e auctographos, que é uma coisa preciosa. O seu palacio de Cagliari ficou a seu sobrinho Estevão de Candia; a sua bibliotheca e raridades (o seu sumptuoso aposento era um verdadeiro museu) deixou-as a sua irmã, que tem 83 annos.

As suas ultimas palavras foram uma mensagem á rainha Victoria, que havia enviado para junto d'elle o seu mestre de capella Cusius, logo que soubera da sua grave enfermidade.

O seu funeral foi o de uma testa coroada. Toda a nobreza italiana e corpo diplomatico, representantes do rei e da rainha; deputações de todas as corporações officiaes; o numeroso grupo das corporações artisticas, e immenso concurso de povo acompanharam á sua ultima morada, o que fora rei na arte. Entre outras, o representante da rainha Victoria, de que já falamos, depositou sobre a sua sepultura uma magnifica coroa, testemunho de sentimento d'aquella soberana.

Mario falleceu a 16 de dezembro ultimo.

PONTE SOBRE O TAMEGA, NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO

A respeito d'esta gravura, veja-se o artigo *Caminho de Ferro do Douro*, que anda em publicação na nossa folha.

MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE D. JOÃO VI QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

Em continuação ás moedas que temos publicado, damos hoje as do reinado de D. João VI.

As moedas de tres réis, com a data de 1804, foram cunhadas na regencia de D. João, e fabricaram-se 123:363, e as que tem a data de 1818, foram mandadas cunhar por portaria de 29 de abril do mesmo anno. Em virtude d'esta portaria, tambem se cunharam moedas de cinco e dez réis, com a data de 1818.

As moedas de cinco e de dez réis, com a data de 1812, foram cunhadas entre este anno e o de 1814, fabricando-se 14:239$965 réis.

Foi em 1810, que o governo provisorio, para occorrer ao mau estado financeiro do paiz, mandou cunhar moeda de bronze. Mandou fazer ao gravador Cypriano da Silva Moreira, modelos para moedas de 40, 30 e 20 réis, todas eguaes no diametro mas diversas na espessura, conforme o seu valor.

O governo, porém, só adoptou a moeda de quarenta réis ou pataco, e isto com a promessa que seria moderada a emissão e para attenuar o rebate do papel moeda.

Foi assim que appareceram as primeiras moedas de quarenta réis, que tem a data de 1811.

Apesar da primeira emissão se ter feito com caracter provisorio; em 1822 fizeram-se novos patacos de cunho differente dos primeiros, e com o titulo de Rei em vez de Regente, continuando-se a cunhar esta moeda nos reinados seguintes, conforme já démos noticia em os n.os 175 e 179.

ANTONIO DA SILVA TULLIO

(Concluido do n.º 184)

VI

Limitar-me-hei simplesmente a deixar aqui consignado que Antonio da Silva Tullio, — socio effectivo da *Academia Real das Sciencias de Lisboa* (onde por varias vezes foi eleito vice-secretario na classe de sciencias moraes, politicas e bellas-artes, e onde proficientemente exerceu o cargo de administrador e revisor litterario da respectiva imprensa), membro effectivo da antiga *Sociedade Escholastico-Philomatica de Lisboa*, socio effectivo da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, socio correspondente do *Instituto «Vasco da Gama»*, socio fundador da *Associação dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes*, socio honorario-correspondente do *Gabinete Portuguez de leitura no Rio de Janeiro* e do *Gabinete Portuguez de leitura em Pernambuco*, membro correspondente da *Real Academia Hespanhola*, membro honorario da *Sociedade Academica Hispano-Portugueza de Tolosa*, membro correspondente da *Sociedade Liguriana de Historia Patria*, e membro effectivo da *Associação Litteraria Internacional*, — era simultaneamente cavalleiro na «Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada do Valor Lealdade e Merito», commendador na «Ordem da Rosa» (Brazil), e Official da Instrucção Publica (em França).

VII

Com estas condecorações coincidia a brilhar-lhe no peito outra medalha não menos honrosa, nem menos significativa.

Era a que recordava os serviços por elle zelosamente prestados na calamitosa epocha da febre-amarella em 1857 (serviços que a nomeação de cavalleiro na Ordem da Torre e Espada visava tambem a especialmente agradecer e remunerar).

Medalha symbolica do mais estrenuo heroismo!

Medalha que o proprio D. Pedro V, aquelle egregio modelo de reis, sobretudo estimava e se comprazia em usar de preferencia a quantas gran-cruzes lhe esmaltavam os arminhos regios!

Era a medalha com que a Camara Municipal de Lisboa galardoára a devoção civica dos prestantes e dos corajosos.

Para essa é que não havia favoritismo nem privilegios de nascença ou de posição.

Attestando no peito do monarcha a solicitude briosa com que este havia velado pelo seu povo nos transes afflictivos de uma devastadora epidemia, attestava com egual verdade e egual justiça os actos de valor prestados por qualquer cidadão (infimo que fosse) n'aquella crise de penosa recordação.

A dor e o soffrimento haviam estreitamente ligado o monarcha e o seu povo.

A condecoração que fazia lembradas essas horas de perigo e de angustia, glorificando os que em tão difficil campanha se haviam mostrado verdadeiros heroes, tornava-se commum, por esse facto, a quem tambem soubéra em commum compartilhar o posto arriscado.

Por isso el-rei D. Pedro a sabía tanto prezar, como quem via n'ella symbolizada a sincera confraternisação do paço real com a humilde residencia do povo.

Silva Tullio, que no seu monarchismo constitucional era essencialmente liberal e democrata, Silva Tullio prezava tambem com singular predilecção, entre quantas distincções honorificas possuia, aquella medalha popular a que só tinha direito quem briosamente havia no fragor da batalha pugnado por conquistar as esporas aureas de cavalleiro.

VIII

Superior, porém, demonstrativamente superior a quantas medalhas, a quantas condecorações, a quantas distincções, a quantos diplomas honorificos lhe pudessem governos e academias conferir, — superior ainda a quantas provas de confiança n'elle depositassem nomeando-o para as importantissimas commissões que desempenhou, — está o documento irrecusavel e perenne dos primores litterarios em que se affirmou aquelle formoso talento.

A *Revista Universal Lisbonense* (onde a sua collaboração assidua e valiosa lhe mereceu os mais enthusiasticos elogios de Castilho, de Garrett e de Herculano); o *Archivo Pittoresco* (de cuja direcção esteve durante annos encarregado, e onde publicou interessantissimos estudos em variados ramos de litteratura, de historia e de archeologia); a *Epoca* (periodico publicado de 1848 a 1849, e para o qual elaborou chistosos artigos de critica sob o pseudonymo de *Barão de Alfenim)*; a *Semana* (periodico publicado de 1851 a 1852, e no qual, exercendo os cargos de director e redactor principal, subscreveu com o cryptonymo de *Visconde de **** artigos não menos valiosos que os publicados na *Epoca)*; a *Revolução de Septembro* (onde no anno de 1855 deu á luz uma importante memoria sobre a eloquencia sacra sob o titulo de — *A Universidade no pulpito de Lisboa)*; finalmente os jornaes politicos *Restauração, Carta, Tempo, Regeneração, Paiz, Civilização*, e outros mais, assim como os periodicos litterarios *Jornal de Bellas-Artes, Portugal Artistico, Revista Peninsular, Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, etc., etc. (onde profusamente avultam substanciosas chronicas, folhetins humoristicos, trechos de critica espirituosissima): — taes são os fulgentissimos theatros em que se comprovou incontestavel e em que immorredoura ficou a competencia litteraria de Silva Tullio.

Separadamente, em volume, só me consta que publicasse dois pamphletos critico-theatraes (sahidos a lume sob o veu do anonymo): — *As trevas em S. Carlos!* (Lisboa, 1850); e *Rilhafolles em S. Carlos* (Lisboa, 1854).

Duas obras, porém, de summa importancia e de avultado tomo esperava a litteratura patria deverlhe, obras que o estudioso academico tinha entre mãos e que deviam pôr-lhe o remate á corôa gloriosa.

Eram elles a *Historia litteraria do jornalismo em Portugal*, e uma extensa Memoria sobre a vida e os escriptos do Padre Antonio Vieira.

Quando Silva Tullio falleceu em Lisboa aos 4 de Janeiro de 1884, contava elle apenas 65 annos de edade por haver nascido em Carnide (e não em Lisboa, como erradamente affirma Innocencio Francisco da Silva no tomo 1 do *Diccionario Bibliographico Portuguez)* aos 15 de Agosto de 1818.

Estava o insigne escriptor em toda a exuberante pujança da sua actividade cerebral; e do seu brilhante engenho, do seu muito saber, da sua nunca interrupta applicação, tinham as lettras muito que esperar ainda, se a traiçoeira doença que desde tempos lhe minava e consumia o corpo, não caprichasse cruelmente em esterilizar tão bem fundadas esperanças.

Hoje o seu nome, saudosamente lembrado entre quantos tiveram a felicidade de o conhecer e de o tratar, pertence gloriosamente á historia.

Xavier da Cunha.

RECTIFICAÇÕES: — No n.º 183 (pag. 18, columna 3.ª, linh. 50 a 51), onde se lê *um homem de bem*, leia-se *este homem de bem*. No n.º 184 (pag. 27, columna 3.ª, linh. 18) leia-se *decretada*, em vez de *decretado*.

X. C.

O TERCEIRO SALÃO

I

Pois que está fechada, á hora actual, a terceira exposição de quadros promovida pelo famigerado *grupo do leão*, despeço-me lepidamente de gastar largo espaço com descripções esmiuçadoras e lentas de numerosas telas interessantes, que agora decorativamente põem pedaços alegres da natu-

reza nos salões sem luz de afortunados possuidores, ou repousam nos ateliers, tristemente, n'uma melancolia de desherdadas, tremendo sob a muda cólera dos seus creadores enfadados por uma exposição inutil, — e vou entregar-me resolutamente ao esforço de evidenciar ou caracterisar, sob o meu ponto de vista, a saliente maneira individual de cada artista expositor.

Encontro já Silva Porto, um pintor mestre, cuja obra apresentada é rica em numero e em qualidades valentes. Cuido que o talento d'este grande artista está penetrado d'uma vaga religiosidade indefinivel, que o põe commungado no sagrado mysterio da Natureza; e essa cousa poetica e abstracta, aerea como uma impalpavel nuvem dourada, e rejubilante como um pedaço rubro de poente, — que embebeda um pantheista e melancolisa os solitarios, — parece revelar-lhe a elle portentosamente todo o segredo da arte, amedrontador de grandeza Cercado d'esse favor singular, o artista vae então para os rasgados templos abobadados de azul, onde n'uma adoração continua os arvoredos erguem verdes ramarias, sob a acalentadora benção fulva do sol, emquanto que por um lado e outro os passaros e as aguas cantam consoladoras musicas, e as cearas densas incensam o espaço rusticamente; mas o espirito d'esse iniciado, que é um crente humildado até, porventura, á duvida de si proprio, tornou-se concentrado e meditativo, de modo que não é com um ar triumphador e estouvado que elle considera as bellas cousas que lhe convidam o pincel, mas antes com um respeito medroso, investigador e tenaz na perseguição da verdade. É provavelmente por isso que elle a alcança quasi sempre, com uma alegria intima que não bate palmas; e como se lhe não turba o olhar claro e puro com fumaradas farruscas de orgulho, elle segue pacificamente o bom preceito e «faz como vê», — o que insinuantemente força a esquiva Natura a incluil-o na sua intimidade adoravel, tornando-o um robusto mas generoso senhor de todas as fórmas reaes, existentes, visiveis, e da côr, e da luz, desde a linha d'um caniço e as tintas d'uma papoula até á translucidez topaziada d'um raio de sol. Amigos, entendo eu cá, seu confesso galanteador apaixonado, que a mencionada natureza é como essas bôas mulheres amaveis, que estremecem os adoradores tão ardentes quanto discretos, e justamente detestam os parlapatões sempre promptos a gabarem-se de casuaes victorias.

Vêde na obra de Silva Porto, os motivos de pequenos ou grandes quadros que estão assados em sol: a propria pasta gorda da tinta parece luminosa, trespassada de brilho; mas se, ao contrario, os assumptos são humidos ou molhados, as tintas tambem teem todo o aspecto molle de encharcadas, e creio que d'ellas, como do musgo, sahiria agua se um dedo profanador as espremêsse. Trata-se d'um retrato, ou d'uma cabecita de genero ataviada de qualquer costume pittoresco? Eis logo bons pedaços de corpos com feitio de gente viva, e sádias carnes onde o sangue ainda se não microbisou, e estofos de variada côr certeiramente pintados E sempre o toque é largo sem supprimir o detalhe necessario, ao passo que o tom é justo mas posto d'uma vez, com valor e sobriedade. Que me deixem em paz os macilentos calumniadores da paysagem, agora que estou revendo a já vasta obra d'um paysagista de primeira ordem! Haja elle talento, — pois que nos quadros felizes de Porto, onde são evidentes a fina observação, a verdade — belleza, já agora, eterna, — e a perfeição de processo, a pintura rustica tem estylo e nobreza, e mostra-nos a multipla existencia palpitante das cousas, que pelo menos no seu conjuncto não é mais facil de transportar á tela, do que qualquer academia pacovia e classica.

Mas que não fique esquecido o audaz pintor animalista, que a esta exposição trouxe, entre um bando de pequenos estudos attrahentes, dois vastos quadros em que se manifesta soberbamente uma poderosa sciencia d'arte, — um, com tres enormes bois entrando n'um charco, n'uma corpulenta gymnastica d'escorços admiravelmente desenhados; o outro, com duas gordas vaccas e um vitello pascendo somnolentamente, na paz favoravel d'uma larga paysagem. Sómente, o artista teve forçadamente de completar estes dois quadros dentro dos limites acanhados do seu atelier; e como ahi não podia ser visitado pelo alludido «mysterio» inspirador, que tem o bom-senso meritorio de não se revelar senão em pleno ar livre, alguns boccados d'aquelles animaes tão estimaveis ficáram lamentavelmente massados, ao passo que as paysagens são cahoticas e as atmospheras opacas, sem espaço illuminado e profundo. Ao contrario, são magnificos os pequenos estudos apanhados directamente do natural, nos quaes apparecem francamente as opulentas qualidades do animalista observador.

Ora, pois, tem o Silva Porto um talento previlegiado e sabio que o torna um pintor perfeito, — sem ser impeccavel, decerto; e na sua bella pintura apraz-me vêr o culto, como que uma religião da Natureza. Mas bem sabido é que em todas as religiões conhecidas, d'alto ou baixo cothurno, ha invariavelmente um espirito do mal, *spiritus tenebrárum;* consequentemente, começo a temer que n'aquella de Silva Porto surja tambem, por exemplo, o diabinho negro e rabino do Negocio...

Fique sempre o esconjuro.

Acerco-me de Columbano Bordallo Pinheiro, cujos numerosos quadros, — retratos, pequenos interiores, typos, — destacavam notavelmente n'este sympathico salãosinho, e com a sua vigorosa originalidade arrogante e rebelde promoveram em torno de si o ruido, variavel desde o surrateiro e mordacioso commentario de quem julga estar descobrindo espertamente uma torpe mystificação, até ao enthusiasmo que berra e esbraceja n'um desmando expansivo e comico. Não me bandeio com aquelles, que ridiculamente vêem um caprichoso caricaturista em Columbano, nem com estes, que arrebatadamente o vão pondo de braço dado com o bom velho Velasquez; sigo modestamente a minha impressão, que me aponta um temperamento d'artista ricamente dotado, feito como poucos para ser eminente, altivo e assoberbante, mas desnorteado ainda na tremenda preoccupação de crear, de rixa velha, uma arte toda particular e como quem diz — caseira, em vez de se confiar cegamente ao amor da Verdade pura e unica que o sol allumia. Ora, a arte d'um artista, é a arte — d'um dia; porque os seculos não se importam senão com a arte — filha da natureza, e só essa é que elles douram com a sua poeira gloriosa, que põe nas obras primas uma diaphana couraça de immortalidade: é sempre viva — como o paganismo; ao passo que a outra, a má, a condemnada, a que nasce da prosapia hypocondriaca d'um mysanthropo, é tacanha e inutil como o fetichismo d'uma tribu selvagem perdida em qualquer sertão africano, — o qual não será, me parece, cantado pela universal poesia em que tambem brilha o mettediço Homero.

Sou incorrigivelmente retrogrado, e obstino-me em achar um saboroso e capitoso succo n'aquelle conto antigo, — que é uma verdadeira parabola artistica, — do ingenuo passaro que gulosamente foi depenicar as uvas do Apelles — Crear uma originalidade, arranjal-a, armal-a, como uma torre de cartão, á feia força? Mas, para ser pessoal, um artista precisa apenas de ter temperamento! Inspirados na verdade, Annunciação e Lupi são dois grandes pintores, que só peccam nos erros de processo atrazado ou hesitante, — á falta de escola; e admiravelmente *feito,* o Silva Porto sempre confiado na natureza fecunda vae brochando obras d'um cunho perfeitamente individual e sobranceiro, tanto e tão bem, que irradiam uma incontestavel influencia benefica sobre as obras d'outros artistas menos experientes — e menos potentes. Para que diabo caturrará então o Columbano em submetter o seu superior talento aos tratos de qualquer capricho transviador e, sem duvida, passageiro? Por mim, creio que esse caminho, em que vae provavelmente já de boa fé, afeito a uma rixosa insurgencia inadmissivel em arte, que como a litteratura tem leis iniciaes e fundamentaes inilludiveis, — leva-o simplesmente a produzir essa grande pintura — mutilada, que hoje vemos.

«Grande pintura», justamente, de que se vêem boccados surprehendentes, mas infelizmente isolados, em todas as telas de Columbano, — como as rochunchudas e provocadoras côxas de Galatea entrevistas fugidiamente atravez dos salgueiros famosos! São esses boccados de mestre que me enchem de franca admiração pelo talento nativamente original do excentrico pintor phantasista, que desviado por momentos de todo o preconceito, n'elles mostra um profundo conhecimento do desenho, uma sabia maneira de modelar vivamente, com toques certeiros e rapidos, carnes em que ha effeitos deliciosos de luz finamente observados, e emfim, um grande sentimento do colorido sincero, feliz, elegante e são; imagino, melancolicamente desilludido pela realidade, o que com taes qualidades poderosas e vencedoras este artista poderia fazer d'extraordinario na sua obra, — pois que extraordinario é o seu talento, — se abandonasse sensatamente os phrenesis de insubordinados acintes, e equilibrando as suas forças exuberantes, tratasse de nos dar quadros completos em vez de imperfeitos esboços! Mas o dia da luz ha de chegar, mais tarde ou mais cedo, pondo o artista n'um espanto do seu desvario prolongado; e por emquanto, vamo-nos contentando justiceiramente com os bellos e raros pedaços de grande arte — e de bom senso, intercallados e como que perdidos em farto numero de retratos e typos variados, que ás vezes parecem phantasmas evocados em penumbras de sepulchro, — tendo contornos comidos pela sinistra noite dos fundos, e avariadas carnes monochromas, para gentes gordas e magras, biliosas e sanguineas, nas quaes a baça pelle cadaverica parece estar envolvendo, desoladoramente transparente, algumas purulencias dilectas aos vermes da fria cova, mas seguramente antipathicas ao nosso olhar amante da vida. Aquillo, é uma adulteração voluntariosa da verdade, feita sob pretexto de originalidade soberbosa, e que a critica despreoccupada e honesta tem a logica incumbencia de condemnar, por um preceito de hygiene artistica.

E se assim conseguir evitar que o grande talento de Columbano se atóle em pódres phantasmagorias lugubres, levando-o afortunadamente a entregar-se sem escrupulos á natureza, á realidade só, bem certo de que a originalidade legitima e dominadora é espontanea e como que a essencia de todo o temperamento definido, a critica terá inquestionavelmente de que se envaidecer.

(Continúa) *Monteiro Ramalho.*

RESENHA NOTICIOSA

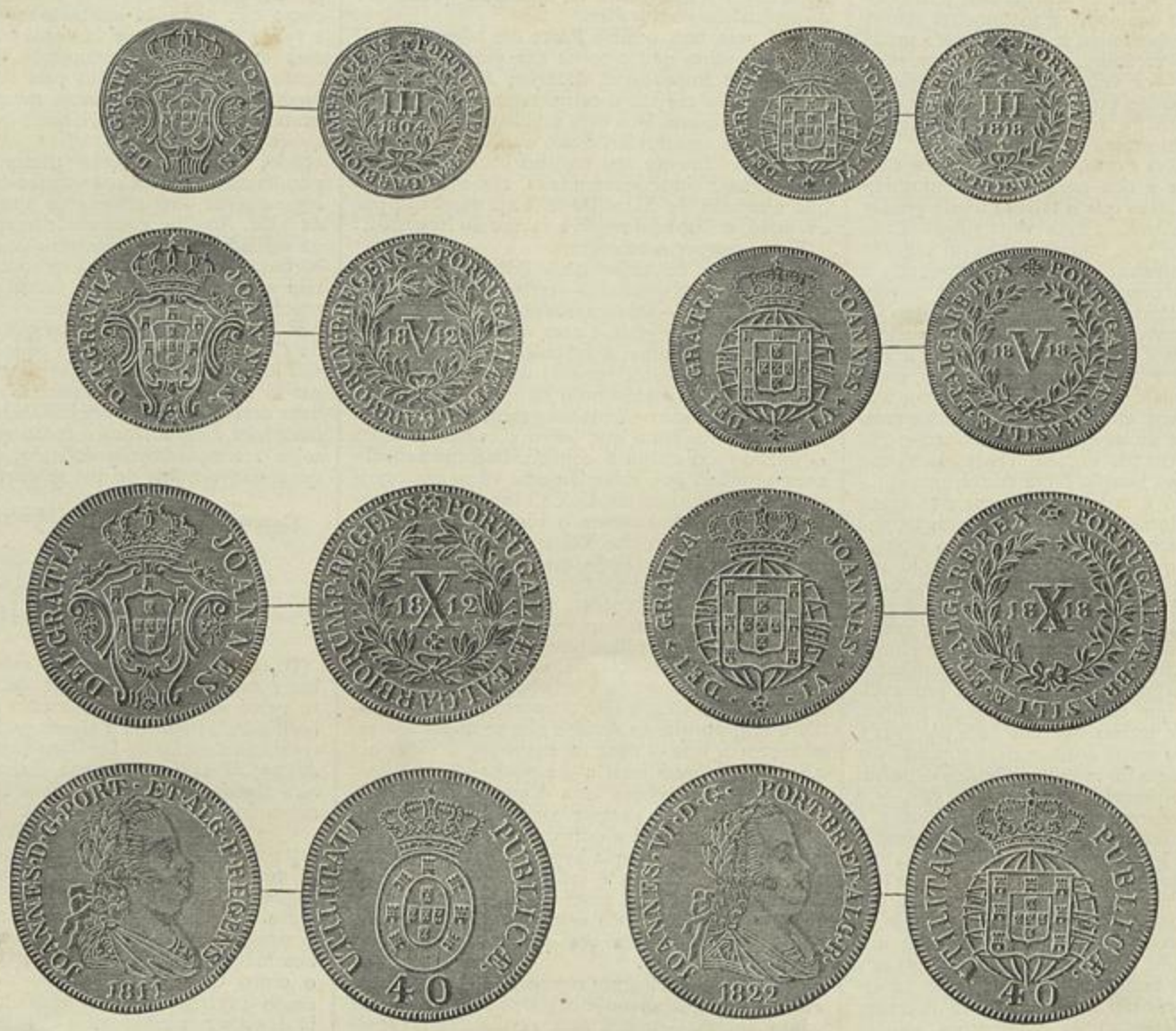
Brazza. Em quanto se tem estado perplexo sobre a sorte d'este explorador, que ora se diz morto pelos indigenas, ora por elles cercado, ora em bom estado; affirmam alguns periodicos terem-se recebido noticias de Landana (costa occidental da Africa) de 11 de dezembro, dizendo que elle passara *Botolo,* estação creada por Stanley, e ultimamente incendiada pelos negros.

Que Brazza se dirigiu a *Brazzaville,* afim de restaurar a auctoridade do Makoko; que Stanley se conserva por *Stanley-Falls* com os seus dois pequenos vapores e uma forte columna de Zanzibares. Ora todas estas noticias mostram a muita sympathia que estes dois sujeitos teem inspirado aos indigenas, e quanto as intrigas de um contra o outro terão desmoralisado aquelles povos. O nosso governo, que tem missões em S. Salvador, já devia ter mandado uma expedição sinha ao Alto Congo, a fim de sabermos com certeza o que lá se passa. N'este assumpto não se pódem acreditar nem as informações francezas, nem inglezas, nem belgas. Todos são muito boas pessoas, mas...

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Contos tradicionaes do povo portuguez, *com um estudo sobre a novellistica geral e notas comparativas,* por Theophilo Braga. — *Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores, 12, Largo dos Loios.* 2 volumes de oitavo. — Volume I *Contos de fadas, casos e facecias,* com LI — 231 paginas. — Volume II *Historias e exemplos de thema tradicional e forma litteraria* com 243 paginas. A extensão e importancia que as tradicções populares tem adquirido no mundo litterario e scientifico n'este seculo são assaz conhecidas. Garret foi o primeiro que começou a escavar no veio popular, mas a indole do seu enorme talento, e a sua educação litteraria não o levavam para o estudo aprofundado e methodico d'este assumpto, nem o tempo em que a elle se dedicou e as condições d'esse tempo permittiam fazer o trabalho como era mister. Em tempos antigos (D. João III e D. Sebastião) houve um homem, que, collocado em circumstancias analogas ás de Boccaccio, colligiu alguns *contos de historias de proveito e exemplo,* cuja primeira parte se achava prompta em 1570, mas que se sabe apenas publicada em 1575. Era Gonçalo Fernandes Trancoso. Entre este e Garrett, raros aproveitaram as tradições populares, sendo certo que se encontra allusões a ellas e transcripções em varios escriptores. Comtudo depois de Garrett a litteratura tem sido enriquecida n'este ramo, e hoje além do seu *Romanceiro,* do de *Theophilo Braga,* de *Estacio da Veiga,* de varias collecções de canções e cantigas, dos *Contos populares* do sr. Adolpho Coelho, das *Materias para o estudo da mythographia portugueza* do sr. Consiglieri Pedroso, etc., appareceram com breve intervallo os *Cantos populares do Brasil* do sr. Sylvio Romero, e agora os dois volumes do sr. Theophilo Braga. Farta colheita de contos, exem-



Moedas de cobre do reinado de D. João VI que retiram da circulação

plos, facecias, casos recolhidos de diversos pontos do paiz, apresentando variantes mais ou menos aproveitaveis, é locupletada pela escavação feita nas obras vetustas, que tem visto a luz publica, taes como os *Ineditos de Alcobaça, Os Portugaliæ Monumenta*, etc. Abundante é o repositorio, e d'elle como de todos os mais, se extrahem documentos valiosos para o estudo comparativo das origens dos povos. Não somos nós os competentes para criticar estes trabalhos, em que a critica tem tanta parte; conhecemos porém a sua importancia, e sentimos o que interessam á litteratura, á etnographia, e á linguistica. Os prologos e as notas completam o trabalho em que de certo ha de haver ainda muito que additar, que emendar, que alterar e que refundir. Bom é que venham vindo pedras para o edificio, e quanto maior fôr o canto, mais solidos se fundarão os alicerces.

Annaes do club-militar naval. Redacção, João Carlos Adrião, João Maria Galhardo, João Diniz Sampaio — n.º 11 de 1883, contém: *Algumas considerações, tendentes a facilitar a leitura da «theoria do navio»; — Postos para combate no couraçado Vasco da Gama — Diogo Pereira* (aliás *Diogo Botelho Pereira*), 1536. N'este episodio da nossa epopea do Oriente, assáz conhecido, mas que nunca deve ser esquecido, o auctor umas vezes chama ao heroe *Diogo Botelho*, outras *Botelho Pereira*, outras *Pereira*, até aqui bem vae, agora comette uma inexactidão quando diz *Diogo Pereira*, nunca os nossos antigos interpolaram assim os nomes.

Revista de estudos livres. *Directores litterario-scientificos em Portugal;* Dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos. *No Brazil:* Dr.º Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero — n.º 11 — Primeiro anno — Dezembro de 1883. — Contem: *Elementos da nacionalidade portugueza (A invasão dos arabes na Hespanha e a sua influencia no desenvolvimento da população livre)*, Theophilo Braga; *Pathologia da vontade*, Silva Telles; *A philosophia dos lyceus*, Teixeira Bastos; *Julio Diniz e o naturalismo*, Reis Damaso; *A evolução na serie vegetal*, Filippe de Figueiredo; *Tradições populares e dialecto do Brazil (conclusão)* J. Leite de Vasconcellos.

CHARADA

Visto o pobre na choça e o rei no throno
E de mim sendo pastor, vestiu-se Appollo. } 1
Fui de Sapho attributo com Phaone
E d'amor na ara corações immollo. } 2

Prestes se volve a noute e chamo o somno;
Não valho quanto Phebo illustra o Pollo,
Comigo um sabio não consegue apenas,
Um homem ver na populosa Athenas.

M. F. Comes.

Explicação do enygma do n.º antecedente: Arpoar.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typographia Elzeviriana — Lisboa

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO DO OCCIDENTE

Já estão promptas e á venda capas para encadernação do 6.º volume.

Tambem ha capas para os volumes 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

Preço, 800 réis (franco de porte)

A Empreza encarrega-se de fazer encadernações n'estas capas por 1$200 réis, incluindo a capa.

PREÇO DA ASSIGNATURA D'ESTE PERIODICO

PARA 1884

MOEDA FORTE, FRANCO DE PORTE:

CONTINENTE DE PORTUGAL E ILHAS

Anno ou 36 numeros	3$800
Semestre ou 18 numeros	1$900
Trimestre ou 9 numeros	$950

POSSESSÕES ULTRAMARINAS

Anno ou 36 numeros	4$000
Semestre ou 18 numeros	2$000

ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 36 numeros	5$000
Semestre ou 18 numeros	2$500

PREÇO DOS VOLUMES

1.º 2.º e 3.º volumes

Cada um encadernado	4$000
» » brochado	3$000

4.º, 5.º e 6.º volumes

Cada um encadernado	5$000
» » brochado	4$000

Para o estrangeiro, pelo correio, accresce 1$000 réis por cada volume

As pessoas que quizerem adquirir a collecção completa do Occidente o poderão fazer do modo que mais lhe convier, ou seja por volumes ou por series de numeros seguidos pelos seguintes preços:

Séries de 12 numeros relativos aos 1.º, 2.º e 3.º volumes 1$500 réis. Séries de 6 numeros 750 réis.

Séries de 18 numeros relativos aos 4.º, 5.º e 6.º volumes 2$000 réis. Séries de 9 numeros 1$000 rs.